

A neologia na terminologia histórica e actual do açúcar de cana na ilha da Madeira

Naidea Nunes Nunes
Universidade da Madeira

A terminologia histórica e actual da produção açucareira da ilha da Madeira apresenta neologismos internos: lexicais, morfológicos ou formais e semânticos, e neologismos externos por empréstimo ou importação de termos de línguas estrangeiras. A neologia na terminologia açucareira histórica e actual resulta da necessidade de denominar inovações técnicas, sendo que os estrangeirismos, geralmente, sofrem uma integração e adaptação gráfica, fonética e morfológica à língua portuguesa de acolhimento.

Neste estudo associámos o método tradicional *Coisas e Palavras*, utilizado na etnolinguística e na geografia linguística, ao método actual da terminologia técnico-científica, ou seja, o estudo da linguagem especializada ou vocabulário específico de uma determinada área de actividade. Neste caso, trata-se do estudo da terminologia técnica do açúcar de cana do Mediterrâneo ao Atlântico. As duas teorias têm em comum o método onomasiológico, que aplicámos no estudo da terminologia actual do açúcar de cana, partindo dos objectos ou conceitos para as suas denominações ou termos. No estudo da terminologia açucareira histórica, partimos dos termos registados na documentação escrita para a definição dos seus conceitos.

A terminologia moderna como matéria sistemática e prática organizada surgiu em Viena, nos anos trinta, graças aos trabalhos de E. Wuster, com o objectivo de superar os obstáculos da comunicação profissional ou especializada, evitando a ambiguidade do vocabulário técnico-científico. A proposta de Wuster tem sido objecto de revisão por parte de muitos especialistas em terminologia, nomeadamente Maria Teresa Cabré com a teoria comunicativa da terminologia. Esta autora concebe a terminologia como uma matéria autónoma de carácter interdisciplinar dentro da teoria da linguagem, que, por sua vez, se insere numa teoria da comunicação e do conhecimento, incluindo aspectos linguísticos, cognitivos e sociais. Segundo Teresa Cabré não há uma separação taxativa entre palavras e termos, pois estes participam de muitas das propriedades das unidades lexicais da língua geral, nomeadamente a polissemia e a sinonímia, fenómenos reais dentro da comunicação especializada que não são admitidos por Wuster, pois este concebia a terminologia como unívoca e monorreferencial.

A nova teoria comunicativa da terminologia de Teresa Cabré permite dar conta do carácter multidimensional do termo, como unidade que pode ser monossémica ou polissémica, da banalização de termos, da terminologização ou especialização

semântica de unidades gerais e da transferência semântica de unidades especializadas de um âmbito para outro – pluriterminologização –, adquirindo traços semânticos associados à nova área de especialidade. No entanto, a autora reconhece a idiosincrasia do conhecimento e dos termos especializados e a natureza diferencial do conceito em determinadas ciências e técnicas, sendo que o conceito especializado pode expressar-se também através de unidades que não pertencem à linguagem comum. A teoria de Teresa Cabré pretende dar conta dos termos como unidades singulares e ao mesmo tempo similares aos outros signos linguísticos, como unidades de comunicação dentro da representação da realidade, admitindo a variação conceptual e denominativa e tendo em conta a dimensão textual e discursiva dos termos. Assim, os termos não pertencem a um âmbito mas são usados num âmbito com um valor específico na comunicação especializada.

O objectivo da terminologia teórica é descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico e explicar as suas relações com outros tipos de signos do mesmo ou de outro sistema conceptual, desenvolvendo o conhecimento sobre a comunicação especializada e as suas unidades terminológicas. Enquanto o objectivo da terminologia aplicada é o de compilar as unidades de valor terminológico de uma determinada área de actividade e estudar as suas características.

Segundo Maria Teresa Cabré, nas terminologias predominam os neologismos denominativos ou referenciais, porque a comunicação especializada exige um nível de precisão bastante mais elevado do que a comunicação geral ou a língua comum, em que abundam os neologismos expressivos. Sobre os aspectos linguísticos dos neologismos terminológicos, a autora escreve:

A nivel semántico, y a diferencia de las palabras del léxico común, los neónimos, como cualquier tipo de términos, presentan una relación unívoca entre la denominación y el concepto que esta designa: son monorreferenciales (cada término nuevo suele denominar un solo concepto y pertenece a un solo dominio de especialidad); su creación está justificada por la necesidad de denominar un concepto; suelen ser más descriptivos que las palabras (presentan una longitud media superior); son más estables en cuanto a su perdurabilidad, y se valen de series fijas de derivativos dentro de cada campo de especialidad. (CABRÉ, 1993: 448).

No entanto, a autora refere que nem sempre as unidades terminológicas se caracterizam pela monossemita e por uma relação unívoca entre conceito e termo, pois a um conceito pode corresponder mais do que uma denominação e uma denominação pode remeter para mais do que um conceito. Assim, na terminologia açucareira histórica e actual da ilha da Madeira registamos relações de sinonímia entre termos concorrentes, ou seja, diferentes tipos lexicais que designam um mesmo conceito, por exemplo: *confeiteiro* e *doceiro*, com predomínio do primeiro termo. Também registamos casos de polissemia, em que um termo denomina diferentes conceitos, como por exemplo o termo *açúcar* designa a cana-de-açúcar e

o principal produto resultante da sua transformação e o termo *coalhar* denomina simultaneamente o concentrar do mel nas tachas e o cristalizar do açúcar nas formas. Contudo, por economia da linguagem de especialidade, as terminologias tendem a eliminar a sinonímia, ou seja, um dos termos é mais frequente do que o outro, como é o caso de *confeiteiro* e *doceiro*, em que o primeiro termo suplanta o segundo.

Rodolfo Alpízar Castillo salienta que a função básica do termo é denominar a realidade especializada, apresentando principalmente uma função referencial, na medida em que o léxico especializado tem uma relação muito directa e próxima com a realidade que designa. De acordo com este autor, uma palavra só adquire a condição de termo quando se situa num campo especializado técnico ou científico, porque também pode ocorrer na língua comum. O autor escreve:

parece ser que existe consenso en la idea de que la diferenciación entre el término y el no término es pragmática, puesto que los términos se forman del mismo modo que el resto de los elementos léxicos de la lengua: siguen los tipos de estructura que el sistema permite, emplean los mismos recursos de formación de palabras, y se someten a las mismas reglas de combinación y a sus restricciones. Son, en fin, tan signos lingüísticos como cualquier otro. (ALPÍZAR CASTILLO, 1998: 99).

O mesmo autor acrescenta que cada termo pertence a uma rede de associações que o ligam a outras unidades, contribuindo para delimitá-lo e especificá-lo. Assim, uma terminologia é um sistema estruturado de termos de um domínio de actividade específico, em que se estabelecem relações entre os conceitos. Jean Dubois (DUBOIS, 1966: 103-112), já afirmava que um vocabulário técnico é constituído pela denominação dos objectos de determinada actividade técnica estruturada, em que cada termo contém os elementos que o distinguem dos outros termos do mesmo conjunto.

Também segundo Maria Teresa Cabré, num determinado domínio de especialidade, os conceitos estão organizados em conjuntos estruturados, denominados sistemas conceptuais, que reflectem a visão da realidade de uma disciplina ou de um sector de actividade, em que cada sistema conceptual é uma estrutura que pode compreender diferentes sub-classes de conceitos. A autora escreve:

un término forma parte de un sistema de conceptos en un determinado campo de especialidad. Así, aunque la respuesta de una consulta se centre en un solo término, el trabajo debe resolverse teniendo en cuenta que el valor de cada unidad solo se justifica dentro de una estructura conceptual y en el interior de un campo especializado. (CABRÉ, 1993: 345).

As terminologias constituem, assim, sistemas autónomos de denominações, dado que uma terminologia é um conjunto de termos correspondentes a um sistema de noções de uma área de especialidade. A designação *termo* em vez de *palavra*

implica, desde logo, a ideia de sistema, diferenciando a lexicografia da terminologia, pois o termo não pode existir fora de um sistema terminológico, resultante de um conjunto de denominações e fundado sobre um sistema conceptual. Segundo Maria Teresa Cabré:

la lexicología se ocupa del estudio de las palabras; la terminología, del estudio de los términos. Como veremos a continuación, término y palabra son unidades parecidas y a la vez divergentes. Una palabra es una unidad descrita por un conjunto de características lingüísticas sistemáticas y dotada de la propiedad de referirse a un elemento de la realidad. Un término es una unidad de características lingüísticas parecidas, utilizada en un dominio de especialidad. Desde este punto de vista, una palabra que forme parte de un ámbito especializado sería un término. (CABRÉ, 1993: 87).

A mesma autora acrescenta que as definições em terminologia devem descrever o conceito, permitir a distinção do conceito definido em relação aos outros conceitos semelhantes do mesmo domínio de especialidade ou de domínios diferentes, situar-se na perspectiva do campo nocional ao qual o conceito pertence e reflectir as relações sistemáticas que cada conceito mantém com os outros conceitos do mesmo domínio:

la terminología, si tenemos en cuenta que parte del concepto y que de este pasa a la denominación, necesita asegurar muy bien que denomina un objeto conceptual específico; por ello describe exhaustivamente esse objeto a través de la definición, privilegiando una definición del concepto de carácter descriptivo, y expresando a menudo las relaciones entre los distintos conceptos. La lexicografía, en su descripción del léxico común, es menos explícita en las características semánticas de cada palabra; fundamentalmente, le interesa evitar definiciones idénticas, a menos que se trate de palabras en relación de sinonimia total. (CABRÉ, 1993: 85).

De acordo com a autora, a especificidade do termo é, antes de tudo, nocional. Assim, o termo para ser circunscrito não precisa de um contexto como a palavra, mas sim de pertencer a um domínio técnico ou científico, sendo a definição fundamental em terminologia, pois permite distinguir um termo dos outros termos aparentados, num conjunto terminológico, e estabelecer associações entre termos correlacionados, através de uma definição linguística e extralinguística ou referencial, descrevendo o objecto/conceito.

Mário Vilela afirma que as terminologias ignoram, em princípio, a sinonímia e a homonímia, pois são precisas e bem delimitadas denotacionalmente, porque obedecem a uma organização geral bem hierarquizada e não admitem conotações, ou seja, os termos técnicos correspondem a uma exigência de rigor na denominação dos conceitos/objectos. (VILELA, 1995: 38-39). Deste ponto de vista, a existência de diferentes termos ou tipos lexicais e etimológicos para designar o mesmo conceito,

ou seja, sem alteração semântico-referencial ou com o mesmo significado e referente, sendo sinónimos totais ou termos concorrentes, parece contraditória e redundante em terminologia. Contudo, o autor salienta que os sinónimos em terminologia ou numa língua de especialidade são de natureza distinta dos da língua comum. Na língua comum os sinónimos traduzem pequenas nuances de sentido, enquanto na língua de especialidade o significado do sinónimo permanece intacto, ou seja, trata-se de sinónimos totais.

Segundo o mesmo autor, os factores de diferenciação dos sinónimos em terminologia são: a cronologia, por exemplo, na terminologia açucareira da ilha da Madeira, o termo antigo *trapiche* é substituído pelo termo mais recente *engenho de açúcar*, no século XVI; a geografia, por exemplo, os neologismos terminológicos que surgem na terminologia açucareira madeirense são sinónimos geográficos de termos que designam os mesmos conceitos nas regiões açucareiras do Mediterrâneo (o tipo de açúcar de inferior qualidade, mal purgado do fundo da forma de açúcar com restos de mel, na Sicília é denominado *misturi*, em Valência *rossos*, enquanto na Madeira, em Granada e nas regiões açucareiras do Atlântico o mesmo conceito é designado pelo termo português *mascavado* ou *açúcar mascavo*); o nível de língua, por exemplo, na documentação contemporânea da Madeira, *cana doce* é o termo popular utilizado para referir a cana-de-açúcar, enquanto *cana sacarina* é o termo erudito; a frequência, por exemplo, na documentação histórica madeirense predomina, como já referimos, o termo *confeiteiro* em detrimento do nome *doceiro*.

Outra característica que distingue as línguas de especialidade do léxico comum é o enriquecimento e renovação rápidos, através da criação de novas palavras ou neologismos associados à aparição de novos objectos ou novas realidades técnicas, no caso da terminologia açucareira. Assim, o léxico especializado é mais permeável aos neologismos do que o léxico comum.

Segundo Maria Teresa Cabré, a evolução técnica requiere campos conceptuais novos, nas línguas de especialidade, que originam novas denominações, através da criação de neologismos ou da adaptação de termos já existentes (CABRÉ, 1993: 425). Assim, os neologismos terminológicos ou neónimos são palavras novas que fazem parte de um vocabulário técnico, surgindo devido à necessidade de denominar novos objectos ou novas técnicas. A autora afirma:

La aparición de un nuevo concepto conlleva normalmente la aparición de una nueva denominación. Y esta nueva forma designativa nace en un determinado sistema lingüístico, el propio de la sociedad que ha creado el nuevo concepto. La neología, concebida como una actividad de creación de nuevas denominaciones, es evidentemente necesaria en los dominios de especialidad donde la aparición constante de nuevos conceptos requiere una actividad neológica permanente. (CABRÉ, 1993: 443).

De acordo com a autora, os neologismos terminológicos ou neónimos, por oposição aos neologismos da língua comum, ao fazerem parte da terminologia de

um determinado campo de especialidade, não podem afastar-se das características dos termos, ou seja, tendem a ser unívocos e monorreferenciais, pertencem a um domínio de especialidade e são necessários. (CABRÉ, 1993: 447). A autora acrescenta que os neologismos terminológicos devem satisfazer algumas condições sociolinguísticas, nomeadamente resultar de uma necessidade denominativa, ou seja, denominar um conceito novo, evitar variantes concorrentes, não apresentar conotações negativas nem provocar associações inconvenientes, pertencer a um registo formal de especialidade e não contradizer a política linguística estabelecida. (CABRÉ, 1993: 452).

Margarita Correia também salienta que a neologia denominativa resulta da necessidade de nomear novas realidades (objectos, conceitos), anteriormente inexistentes: “Ao nível das terminologias científicas e técnicas, apenas a neologia denominativa se encontra representada. De facto, os neologismos terminológicos resultam exclusivamente da necessidade de designar novos conceitos associados a novas teorias, descobertas, produtos ou tecnologias.” (CORREIA, 1998: 61). Segundo a autora, como as unidades lexicais designam os itens da realidade envolvente e traduzem o conhecimento que temos dessa realidade, é natural que a componente lexical reflecta de forma mais directa todas as alterações e toda a evolução que o meio sofre. Assim, por razões extralinguísticas, algumas unidades caem em desuso, tornando-se arcaísmos, surgindo novas unidades lexicais que entram no léxico, os neologismos.

Na terminologia açucareira da ilha da Madeira, alguns termos antigos deixam de existir porque desaparecem os objectos ou conceitos que denominam, sendo substituídos por neologismos que designam a nova realidade, como é o caso do termo *trapiche*, que refere a primitiva técnica do moinho de roda de pedra vertical movimentado por animais (termo que surgiu no Mediterrâneo como neologismo por empréstimo terminológico da produção de azeite, através da adaptação da técnica do moinho de azeitonas à cana-de-açúcar), que, no século XVI, com a difusão do moinho hidráulico de eixos de madeira, foi substituído pelo termo *engenho de açúcar*, como já referimos. A partir de meados do século XIX, com a revolução industrial e a introdução da máquina a vapor, o termo *engenho de açúcar*, por sua vez, foi substituído pelo termo *fábrica de açúcar*. Quando a distinção entre a antiga e a nova técnica deixa de ser necessária, a diferenciação denominativa desaparece, juntamente com o antigo termo, que pode adquirir novos significados, passando ao léxico comum, como é o caso do nome *trapiche*, na Madeira e no Brasil, onde hoje designa respectivamente uma casa de saúde mental (termo que surgiu a partir do topónimo *Trapiche*) e o porto onde se vende e embarca mercadoria.

Segundo Maria Teresa Cabré (CABRÉ, 1993: 86), a terminologia e o léxico comum partilham o mesmo espaço gramatical, servem-se dos mesmos recursos formais e baseiam-se nos mesmos princípios semânticos, apresentando formas derivadas e compostas, tal como os lexemas comuns. A autora salienta ainda a existência de sintagmas terminológicos, palavras que seguem uma estrutura sintáctica determinada, mais frequentes em terminologia do que na língua geral.

regidos pelas mesmas regras combinatórias dos sintagmas livres, sendo, por vezes, difícil distinguir os sintagmas terminológicos dos sintagmas livres. A autora afirma:

Desde el punto de vista de la forma, los neologismos utilizan los mismos recursos que los términos no neológicos, aunque suelen priorizar un recurso u otro según el tipo de creación (si es una creación de origen suelen imponerse los términos cortos; si es una creación planificada, los sintagmas descriptivos), o según el bloque de especialidad al que pertenecen (en los ámbitos técnicos abundan más los sintagmas que en las especialidades científicas, donde son frecuentes los términos de base morfológica greco-latina). (CABRÉ, 1993: 448).

Conforme nos diz a autora, na terminologia técnica, predominam os termos que apresentam formações sintagmáticas, em que dois ou mais elementos constituem uma unidade complexa e correspondem a um único conceito. Estas unidades complexas podem ser respresentadas por diferentes estruturas formais (substantivo + adjectivo, substantivo + preposição + substantivo, substantivo + adjectivo + adjectivo). Na terminologia açucareira histórica e actual da ilha da Madeira predominam os sintagmas preposicionados formados por um substantivo de carácter genérico, determinado pelos complementos de especificação *de açúcar e de cana*, como por exemplo: *engenho de açúcar, purgador de açúcar, fábrica de açúcar, lavrador de cana, açúcar de cana*, mas também por outros complementos de especificação, nomeadamente *açúcar de panela, açúcar de mel, açúcar de retame, açúcar de refugo*, que determinam diferentes tipos de açúcar. Predominam também os sintagmas formados por um substantivo determinado por um adjectivo qualificativo, por exemplo: *açúcar branco, açúcar rosado, açúcar mascavado*.

Margarita Correia também salienta que os mecanismos disponíveis para a formação de neologismos terminológicos são todos os que a língua dispõe para o enriquecimento e renovação do léxico comum. Margarita Correia afirma: “no âmbito das linguagens científicas e técnicas, é muito frequente o recurso à composição, quer por temas quer sintagmática (as também chamadas lexias complexas, na terminologia de Pottier), apresentando as unidades lexicalizadas, muitas vezes, uma dimensão bastante superior às da língua corrente.” (CORREIA, 1998: 61). A autora refere exemplos em que a primeira palavra constitui o termo mais genérico, o hiperónimo do composto, funcionando os elementos seguintes (adjectivos e sintagmas preposicionais) como restritores progressivos da extensão do hiperónimo, o que acontece, como já vimos, na terminologia açucareira histórica e actual da ilha da Madeira.

Segundo Jean Dubois, a língua técnica diferencia-se da língua comum porque o principal processo de formação do vocabulário técnico é a especialização de um lexema genérico, utilizado como denominação específica, através de um complemento introduzido, geralmente, pela preposição *de* (DUBOIS, 1966: 103-112). Nos termos com complementos expressos por sintagmas preposicionados, a preposição *de* pode expressar diversas relações semânticas entre o nome e o seu complemento,

nomeadamente pertença (*caldeira do engenho, máquina do engenho*), modificação restritiva (*caldeira de melar e tacha de bater*), indicação de origem (*jarros de Castelha*) e matéria (*caldeira de cobre*).

Também segundo Mário Vilela (1994: 96-97), em terminologia predominam os termos compostos determinativos, em que o segundo elemento constituinte determina o primeiro, exprimindo diferentes relações semânticas, como finalidade, semelhança e modo de funcionamento. Assim, a língua técnica ou os tecnolectos são uma área em que surge a formação de muitas palavras ou denominações complexas, derivadas e compostas, gerando muitos sintagmas nominais, sendo possível a presença de mais de um sintagma modificador num termo. Na terminologia açucareira histórica da ilha da Madeira registámos o termo *lealdador de açúcar do Funchal*, em que ocorre um complemento determinativo argumental *de açúcar* e outro locativo *do Funchal*.

Maria Teresa Cabré (CABRÉ 1993: 158) defende que, nas terminologias técnicas e científicas, predominam os substantivos, que denominam objectos e entidades, por exemplo, na terminologia do açúcar de cana: *trapiche, engenho e moinho*; os verbos e a nominalização destes, que traduzem processos, operações e acções, como por exemplo *purgar, cozer dos meles e esburgar das canas*; e finalmente os adjectivos que expressam propriedades, estados e qualidades do açúcar, como por exemplo *quebrado, branco e velho*.

Os neologismos terminológicos que surgem dentro do próprio sistema linguístico apresentam estruturas morfológicas características das palavras derivadas e compostas e palavras que adquirem novas significações, geralmente por extensão semântica.

Na terminologia açucareira da ilha da Madeira predominam os neologismos morfológicos ou formais. Estes resultam do processo de formação de novas unidades lexicais, geralmente por derivação ou composição. Na terminologia açucareira madeirense encontramos muitos termos derivados por sufixação, em que os sufixos alteram ou determinam a categoria sintáctica das palavras, através de processos de adjectivalização, nominalização e verbalização de adjectival, denominal ou deverbal. Como já vimos, a terminologia em geral e a açucareira em particular apresenta como traço característico a formação de substantivos, predominando as formas derivadas nominais que designam acções, ofícios ou ocupações, formadas a partir de um tema verbal com o sufixo agentivo *-dor*, por exemplo: *estimar* e *estimador*, *lealdar* e *lealdador*, *purgar* e *purgador*, *esburgar* e *esburgador*. A semântica ou significado lexical destes termos está relacionada com a do verbo de base, por exemplo, *lealdador*, de *lealdar*, designa um funcionário que tem a função de lealdar, sentido puramente nominal, mesmo que ocorra junto a modificadores e complementos determinativos, por exemplo: *lealdador do açúcar*. O sufixo *-eiro* ocorre principalmente com bases nominais, por exemplo: *canavieiro* de *canavial*, *aguardenteiro* de *aguardente*, *escumeiro* de *escuma* e *garapeiro* de *garapa* ou com uma base verbal, por exemplo: *alealdeiro* de *alealdar* (forma rara que parece equivalente a *alealdador do açúcar*). Também surgem verbos formados a partir de

um nome ou base nominal com o sufixo *-ar*, por exemplo: *melar* de *mel* e a formação de palavras novas, principalmente nomes, através da adição do sufixo *-ção* a bases verbais, por exemplo: *estimar* e *estimação*, *laurar* e *lavração*, a adição do sufixo *-ura*, como por exemplo *meladura* e *rapadura*, e do sufixo *-mento* em *lealdamento* e *lauramento*, que surge a par das formas *lavoura* e *lavouração* para denominar o mesmo conceito. Registámos ainda a ocorrência do sufixo *-al* na formação do termo *açucaral*, a partir da base nominal *açúcar*, e do prefixo *re-* nas formas *remel* de *mel* e *rescuma* de *escuma*.

Relativamente aos termos compostos, como já vimos, predominam os sintagmas preposicionados, como por exemplo o termo complexo *quintador de açúcar*, com o complemento de especificação *de açúcar*, e os sintagmas formados por um nome e um adjectivo qualificativo, por exemplo: *escuma baixa*, *escuma nova*, *escuma velha*, *escuma quebrada*, *escuma das caldeiras*, *escuma das tachas*; *cachaça azeda*; *garapa azeda*, *garapa morta* e *garapa virgem*.

Predominam também os neologismos lexicais, que podemos classificar como madeirismos, por serem termos da terminologia açucareira que surgem na ilha da Madeira, o que se explica pela importância do desenvolvimento da produção açucareira nesta região, nomeadamente novas técnicas e produtos açucareiros e respectivas denominações. Alguns dos termos açucareiros de origem portuguesa que surgem na Madeira e são difundidos no Atlântico são: *esburgar* (*desburgar* em Canárias), cortar e limpar a cana; *esburgador* (*desburgador* em Canárias), o indivíduo que corta e limpa a cana; *rescuma*, subproduto do açúcar e *açúcar de rescumas*, açúcar feito de rescumas; *panela* e *açúcar de panela*, tipo de açúcar de inferior qualidade, feito com o mel resultante da purga do açúcar; *mascabado* ou *açúcar mascabado*, tipo de açúcar de inferior qualidade, mal purgado do fundo da forma de açúcar com restos de mel; *somenos* ou *açúcar somenos*, designa também um tipo de açúcar de inferior qualidade, correspondendo à terceira parte da forma de açúcar; *lealdador*, nome do oficial que controla a qualidade do açúcar nos engenhos com a função de *lealdar* o açúcar; *açúcar lealdado*, o açúcar cuja qualidade foi fiscalizada pelo lealdador, podendo ser vendido como açúcar branco de primeira qualidade; *rapadura*, restos caramelizados do mel rapados das tachas (termo que foi transplantado da Madeira para Canárias e Brasil, onde hoje designa o açúcar não purgado e os rebuçados feitos com este); *açucaral*, sinónimo do termo *canavial*, com o significado de plantação de cana-de-açúcar; *netas*, terceira e última escuma aproveitada retirada da tacha durante a fervura do sumo da cana, sinónimo de *escuma das tachas* (termo transplantado para o Brasil); *calcanha*, trabalhador da casa das caldeiras que deita as escumas nas caldeiras (termo também transplantado para o Brasil). Muitas destas unidades terminológicas já existiam na língua portuguesa como lexemas comuns, surgindo na terminologia açucareira madeirense como neologismos semânticos, pois adquirem um novo significado, sofrendo um processo de terminologização ou especialização semântica no âmbito de uma actividade específica, passando de lexemas comuns a termos específicos da terminologia técnica da actividade açucareira.

Na terminologia açucareira histórica e actual da ilha da Madeira, encontramos neologismos semânticos por extensão do significado de um termo, nomeadamente o nome *açúcar* que, no século XVI, designa a cana de açúcar destinada a ser transformada em açúcar e o termo *cachaça* que, actualmente, designa a espuma da fermentação do sumo da cana para fazer aguardente e a aguardente de inferior qualidade feita a partir da borra do sumo da cana.

Os neologismos por importação ou por empréstimo de termos de línguas estrangeiras, geralmente, sofrem adaptações gráficas, fonéticas e morfológicas à língua de acolhimento. Estes surgem do contacto entre populações de diferentes línguas, através da importação de técnicas e respectivos termos, neste caso da produção açucareira. Assim, a forma madeirense *cogulho* provém da técnica mediterrânica de purgar o açúcar numa forma com barro, designando a ponta da forma de açúcar (no siciliano *cucuchi*, em valenciano *cogús* e em castelhano *cogollo*), que em Canárias apresenta a forma *cogucho*, em S. Tomé *caguunchos* e no Brasil *cabucho*. O mesmo acontece com o termo *rominhol* ou *reminhol*, que denomina o vaso de cobre côncavo com cabo comprido que serve para retirar o mel ou açúcar das tachas e para deitar água e decoada nas caldeiras. As primeiras atestações deste termo ocorrem na Sicília e em Valência, na primeira metade do século XV, respectivamente com as formas *ramiols* e *romiols*. Na Madeira, registámos a forma *raminhois*, na primeira metade do século XVI. Quanto ao termo *trapiche*, que, como já vimos, denomina o moinho de cana-de-açúcar primitivo movido a tracção animal, registámos as primeiras atestações deste termo na Sicília e em Valência, em inícios do século XV, respectivamente com as formas *atrapetis cannamellarum* e *trapig*. Na documentação histórica da Madeira, registámos a forma *trapichas de bestas*, em 1468, termo complexo com adaptação à língua portuguesa, que depois se generaliza e fixa com a forma *trapiche*.

Salientamos ainda a ocorrência de termos de origem árabe, que surgem na terminologia açucareira histórica da ilha da Madeira, como por exemplo *alfenim* e *alféloa*, que denominam doces sem formas românicas correspondentes, a par de termos como *almoxarife*, equivalente à forma românica *recebedor*. Neste caso a forma árabe *almoxarife* apresenta um significado mais específico, designando o cargo do indivíduo que recebe o açúcar na alfândega, por oposição ao significado genérico da forma românica *recebedor*, menos frequente. Quando surge um neologismo lexical com um significado próximo de um termo já existente, há uma forma denominativa que predomina em detrimento de outra. Segundo Maria José de Moura Santos:

A importação da palavra árabe permitiu a existência de unidades lexicais com um sentido próximo, mas diferente das já existentes, o que trouxe ao sistema local a possibilidade de especializações sémicas novas. De contrário, a adopção de palavras com o mesmo significado de outras seria supérflua do ponto de vista do sistema, contrariando o importante princípio estrutural da economia que tende à redução das distinções inúteis. (...) verificamos portanto que a importação da palavra árabe ou

trouxe uma significação especial próxima de outra(s) existente(s) (...) ou permitiu designar uma parte específica de um todo mais geral (...) neste último grupo a palavra mais antiga não árabe ficou com a significação mais genérica e o arabismo passou a designar um objecto com características próprias dentro desse todo. (...) a entrada do arabismo, que tem de facto uma significação exacta própria, não foi devida à sobreposição mais ou menos automática de uma palavra importada à forma autóctone, mas foi motivada por um mecanismo interno do sistema semântico: a necessidade ou de designar uma nova coisa ou de estabelecer uma oposição sémica útil que não existia antes. (SANTOS, 1980: 584-588).

A autora informa que à palavra românica mais antiga atribui-se a significação mais genérica e o arabismo passa a designar um objecto com características próprias ou um significado mais específico, surgindo da necessidade de designar uma nova realidade ou estabelecer uma oposição sémica útil, por isso, muitas vezes, os arabismos coexistem com as palavras românicas que apresentam um significado semelhante (SANTOS, 1980: 586).

Os árabes introduziram a terminologia e tecnologia orientais da produção açucareira no Mediterrâneo, que foi enriquecida na Sicília, em Valência e em Granada, através dos empréstimos técnicos e terminológicos das indústrias greco-latinas do azeite e do vinho, determinando um importante progresso técnico no fabrico do açúcar, designadamente com a introdução do moinho de azeite, denominado *trapetum*, que passa a ser utilizado para triturar a cana de açúcar, depois de cortada em pequenos pedaços. Esta terminologia açucareira mediterrânica de influência oriental árabe e de origem greco-latina foi introduzida na ilha da Madeira, continuando a sua latinização, ao ser enriquecida com neologismos terminológicos madeirenses.

A terminologia açucareira da Madeira foi transplantada para os Açores, Canárias, Cabo Verde, S. Tomé e Brasil, através dos técnicos açucareiros madeirenses, que introduziram a cana e o fabrico de açúcar nas novas regiões açucareiras do Atlântico. Na América, nomeadamente no Brasil, são incorporados novos termos de origem indígena e africana à terminologia açucareira, como parece ser o caso do americanismo *garapa*, neologismo da terminologia açucareira actual da Madeira, introduzido na ilha na segunda metade do século XIX, que se generalizou e fixou como termo técnico para denominar o sumo da cana.

Apesar de todas as evoluções técnicas do século XIX, na terminologia açucareira actual da ilha da Madeira, sobrevivem alguns termos antigos, nomeadamente o termo *tacha* para denominar o novo aparelho que realiza com novos meios (serpentina a vapor ou vácuo) a mesma função de concentração do sumo da cana do processo pré-industrial de fabrico do açúcar e o termo *açúcar mascavado* para designar o tipo de açúcar não refinado com restos de mel, embora surjam novas denominações e novos tipos de açúcar.

Os neologismos na terminologia açucareira histórica e actual da ilha da Madeira, geralmente, surgem da necessidade de designar novos referentes, predominando os neologismos lexicais e morfológicos, seguindo-se os neologismos por empréstimo e os neologismos por extensão semântica. Os neologismos lexicais, os neologismos morfológicos e os neologismos semânticos surgem dentro do próprio sistema linguístico, a partir da formação de palavras derivadas, por exemplo: *escumeiro* de *escuma* e *rescuma*, *meladura* de *melar* e *melado*; a partir da combinação de palavras já existentes, formando termos compostos por um nome e um adjetivo qualificativo, por exemplo: *açúcar branco* e *açúcar moído* e sintagmas preposicionados, por exemplo: *engenho de açúcar*, *lavrador de cana* e *açúcar de panela*, e ainda por extensão semântica de termos já existentes, designadamente *açúcar* e *cachaça*, que se tornam termos polissémicos. Os neologismos por empréstimos ou importação de línguas estrangeiras são formas exteriores ao sistema linguístico que, geralmente, sofrem adaptações gráfico-fonéticas e morfológicas à língua portuguesa de acolhimento, como é o caso dos termos *trapiche*, *rominhol* e *cogulho*.

O estudo linguístico da terminologia histórica e actual do açúcar de cana na ilha da Madeira, do Mediterrâneo ao Atlântico, evidencia o papel central da Madeira no desenvolvimento e difusão dos neologismos terminológicos madeirenses na produção açucareira do Atlântico.

Bibliografia

- ALPÍZAR CASTILLO, Rodolfo (1998), "Ideas sobre el trabajo terminográfico", *Terminología: questões teóricas, métodos e projectos*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- BARCELÓ, C. e LABARTA, A. (1990), "La industria azucarera en el litoral valenciano y su léxico (siglos XV-XVI)", *Actas del Segundo Seminario Internacional La Caña de azúcar en el Mediterráneo*, pp. 73-94, Motril, Casa de la Palma.
- BARCELÓ, C. e LABARTA, A. (1994), "Azúcar y medicina en el mundo islámico", *Actas del Cuarto Seminario Internacional sobre la Caña de Azúcar* (Motril, Septiembre de 1992), pp. 63-75, Granada.
- CABRÉ, M. Teresa (1993), *La Terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*, Barcelona, Editorial Antártida/Empúries.
- CABRÉ, M. Teresa (1996), "Importancia de la terminología en la fijación de la lengua: la planificación terminológica", *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº 15, Lisboa, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp. 9-24.
- CABRÉ, M. Teresa (1999), *La terminología – Representación y comunicación – Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*, Barcelona, IULA.
- CABRÉ, M. Teresa e FELIU, J. (eds.) (2001), *La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal e semántica*, Barcelona, IULA.
- CABRÉ, M. Teresa (2002), "Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación", *Terminología, desenvolvimento e identidade nacional*. VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia, Lisboa, Edições Colibri/Instituto de Linguística Teórica e Computacional, pp. 41-60.

- CONCEIÇÃO, Manuel Célio (1996), "Terminologias em Português: uma questão de sobrevivência", *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº 15, Lisboa, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp. 25-29.
- CORREIA, Margarita (1998), "Neologia e terminologia", *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- DUBOIS, J. (1966), "Les problèmes du vocabulaire technique", *Cahiers de Lexicologie*, vol. IX, 2: 103-112.
- GALLOWAY, J. H. (1977), "The Mediterranean sugar industry", *Geographical Review*, 67: 177-94.
- GALLOWAY, J. H. (1985), "Tradition and innovation in the American sugar industry, c. 1500-1800: an explanation", *Annals of the Association of American Geographers*, 75: 334-51.
- GALLOWAY, J. H. (1989), *The sugar cane industry: an historical geography from its origins to 1914*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GODINHO, Vitorino Magalhães (1963-1971), *Os descobrimentos e a economia mundial*, vol. IV, Lisboa, Editorial Presença.
- GOUVEIA, David Ferreira de (1987), "A manufactura açucareira madeirense (1420-1550). Influência madeirense na expansão e transmissão da tecnologia açucareira", *Revista Atlântico*, nº 10: 115-131.
- LINO, M. T. R. da Fonseca (1996), "Neologia, terminologia e novas tecnologias da informação", *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 23-32.
- PEREIRA, Moacyr Soares (1955), *A origem dos cilindros na moagem da cana: investigação em Palermo*, Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Alcool.
- PÉREZ VIDAL, J. (1971), "Cañas y trapiches de azúcar en Marbella. História, etnografia, léxico", *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, 27, pp.189-281, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- PÉREZ VIDAL, J. (1973), *La cultura de la caña de azúcar en el Levante Español*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Miguel de Cervantes, Departamento de Dialectología y Tradiciones Populares.
- PÉREZ VIDAL, J. (1991), *Los portugueses en Canarias. Portuguesismos*, Gran Canaria, Ediciones del Cabildo Insular de Gran Canaria.
- RAU, Virgínia e MACEDO, Jorge de (1962), *O açúcar da Madeira nos fins do século XV. Problemas de produção e comércio*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- REBORA, G. (1968), *Un'impresa zuccheriera del Cinquecento*, Napoli, Biblioteca degli Annali di Storia Economica e Sociale, 14. Università degli Studi di Napoli.
- REY, Alain (1979), *La terminologie – noms et notions*, Paris, PUF.
- SANTOS, M. J. de Moura (1980), "Importação lexical e estruturação semântica. Os arabismos na língua portuguesa", Separata de *Biblos*, vol. LVI, pp. 584-588, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- TEMMERMAN, R. (1997), "Questioning the univocity ideal. The difference between socio-cognitive Terminology and traditional Terminology", in *Hermes. Journal of linguistics*, nº 18, pp. 51-91.
- TEMMERMAN, R. (2000), *Towards New Ways of Terminology Description*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company.

- Terminology*, 1998/99, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, vol. 5, nº2.
- TRASSELLI, C. (1953), "La canna da zucchero nell'agro palermitano nel sec. XV", *Annali della Facoltà di Economia e Commercio di Palermo*, 7: 115-125.
- TRASSELLI, C. (1955), "Produzione e commercio dello zucchero in Sicilia dal XIII al XIX secolo", *Economia e storia*, 3, pp. 325-342, Roma.
- TRASSELLI, C. (1982), *Storia dello zucchero siciliano*, Caltanissetta-Roma.
- VIDOS, B. E. (1965), *Prestito, espansione e migrazione dei termini tecnici nelle lingue romanze e non romanze*, Firenze.
- VIDOS, B. E. (1973), *Manual de Linguística Románica*, Madrid, Aguilar.
- VIEIRA, Alberto e CLODE, Francisco (1996b), *A Rota do Açúcar na Madeira*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- VILELA, Mário (1994), *Estudos de lexicologia do português*, Coimbra, Livraria Almedina.
- VILELA, Mário (1995), *Léxico e gramática. Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*, Coimbra, Livraria Almedina.
- WILLIAMS, Edwin B. (1991), *Do latim ao português. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro (5ª edição).
- WUSTER, Eugen (1998), *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica* (resp. ed. Maria Teresa Cabré), Barcelona, Institut Universitari de Linguística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra.